

*Giuliana Jorge Crepaldi **, *Ana Flávia Izumi Cruz**,
*Rita de Cássia Ietto Montilha***, *Maria Inês Rubo de Souza Nobre****

* Aprimorandas, bolsitas Fundap (Fundação de Desenvolvimento Administrativo)

** Orientadora, docente do Cepre- FCM- Unicamp

*** Co-orientadora, docente do Cepre- FCM- Unicamp

gicrepaldi@yahoo.com.br; ana_izumi@hotmail.com;

rcietto@fcm.unicamp.br; inesnobre@fcm.unicamp.br

Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação “Prof. Dr. Gabriel Porto” (Cepre),
Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, CEP 13083-887, Campinas, SP, Brasil.

Palavras-chave: Terapia ocupacional Atuação profissional Deficiência profissional

INTRODUÇÃO

A visão subnormal pode ser definida como a perda severa da visão, que não é corrigida por tratamentos cirúrgicos, clínicos, ou correção óptica, gerando diminuição no desempenho e na função visual do indivíduo (HADDAD et al., 2010).

Dentre os profissionais da saúde que compõe a equipe interdisciplinar de reabilitação dos pacientes com visão subnormal está o terapeuta ocupacional. Sua atuação ocorre junto ao indivíduo com deficiência visual, intervindo no seu desenvolvimento global, uma vez que a visão modifica outros sistemas sensoriais, interferindo nos aspectos sensorio-motor, cognitivo e psicossocial do indivíduo. Seu objetivo primário é a estimulação do hábito de olhar e observar, partindo da consideração de que quanto mais se utiliza a visão residual, mais funcional esta se torna (NOBRE et al., 2001; GAGLIARDO, 2003).

OBJETIVOS

Apresentar e descrever a atuação da terapia ocupacional (TO) junto à pacientes com visão subnormal em um centro universitário de estudos e pesquisas em reabilitação

MÉTODO

Foi realizada a observação das práticas terapêuticas ocupacionais desenvolvidas em um centro de pesquisas em reabilitação especializado na atenção ao deficiente visual.

A coleta de dados foi realizada durante o primeiro semestre de 2011, utilizou-se diário de campo para o registro dos dados coletados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as atividades desenvolvidas pelo terapeuta ocupacional têm-se os:

- atendimentos individuais
- atendimentos grupais
- coordenação dos grupos de reabilitação interdisciplinar e de cuidadores/acompanhantes das pessoas com deficiência visual.

Os atendimentos de TO ocorrem semanalmente, com duração de até 1 hora e 30 minutos, de acordo com a necessidade do paciente.

Nos atendimentos utiliza-se atividade como recurso terapêutico.

Os pacientes encaminhados ao serviço são submetidos à avaliação social e, posteriormente, à avaliação funcional da visão. Com relação aos pacientes adolescentes, adultos e idosos, quando o caso é elegível para os atendimentos, discute-se em equipe se o paciente deve participar do grupo de reabilitação ou iniciar os atendimentos individuais. No atendimento de crianças com visão subnormal, a TO tem como objetivo estimular o resíduo visual e favorecer a funcionalidade e seu desenvolvimento global. Com relação à intervenção precoce com crianças com visão subnormal, deve-se iniciar a estimulação visual nos primeiros anos de vida, alcançando assim, melhores resultados.



No Programa de Adolescentes, Adultos e Idosos com deficiência visual a TO também coordena e participa de grupos de pacientes com visão subnormal e cegueira, nos quais os pacientes e seus cuidadores recebem atendimentos das diferentes áreas de atuação da equipe multidisciplinar presentes no serviço. Ao término do grupo, a partir de seus interesses e avaliação da equipe, são encaminhados para os atendimentos individuais.



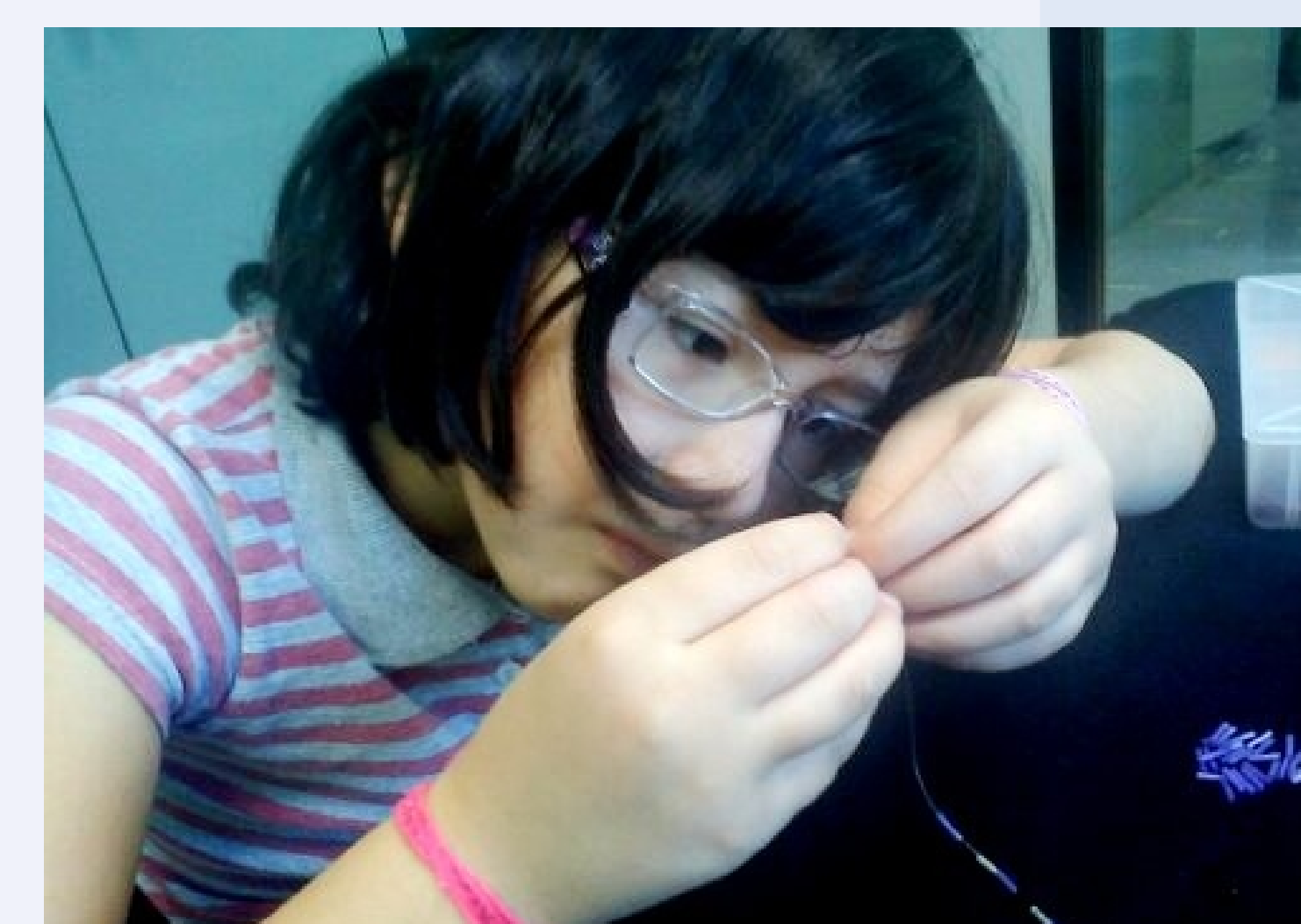
ATO também coordena grupos de cuidadores/acompanhantes dos pacientes de ambos os programas. Tendo como objetivo favorecer um espaço onde ocorram trocas de experiências e vivências, o grupo realiza discussões em torno de temas trazidos pelos participantes, bem como atividades de seus interesses.

A atuação do terapeuta ocupacional visa o desempenho e independência nas atividades de vida diária, que incluem o cuidado do próprio indivíduo com seu corpo, a mobilidade funcional e na comunidade (AOTA, 2008). O profissional incentiva o indivíduo a realizar atividades importantes em seu cotidiano, auxiliando-o diante de sua limitação visual e valorizando suas potencialidades.



Com relação à família do indivíduo com deficiência visual, seu papel é de orientar a respeito de mudanças necessárias para promover a participação e independência desses indivíduos nas atividades diárias, de forma que o desenvolvimento não seja limitado, gerando um ambiente que estimule a aprendizagem e a obtenção de habilidades.

Outro aspecto importante da atuação da TO com essa população abrange o uso da tecnologia assistiva, que envolve produtos e serviços para ampliar a funcionalidade e gerar mais independência, inclusão e melhora na qualidade de vida. A TO utiliza a tecnologia assistiva para estimular a eficiência visual e promover melhor desempenho nas atividades, com independência e autonomia.



CONCLUSÃO

A TO desempenha papel importante junto às pessoas com deficiência visual e seus familiares, uma vez que sua atuação permite que o paciente adquira melhor qualidade de vida, orientando-o sobre suas potencialidades e auxiliando a família a compreender e a lidar com os aspectos inerentes à deficiência. Dessa forma, é de grande importância expandir e divulgar o referencial teórico e prático da TO junto aos pacientes com visão subnormal.

REFERÊNCIAS

- AOTA. Occupational Therapy Practice. Framework: Domain & Process. 2nd. *The American Journal of Occupational Therapy*. v. 63, p.625-683, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Cadernos da TV Escola: Deficiência visual*.
- GAGLIARDO, H. G. R. G. Contribuições de terapia ocupacional para detecções de alterações visuais na fonoaudiologia. *Saúde Rev.*, Piracicaba, v. 5, n. 9, p. 89-93, 2003.
- HADDAD, M. A. O., et al. Aspectos globais da deficiência visual. In: SAMPAIO, M. W., et al. *Baixa visão e cegueira: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.7-16, 2010.
- NOBRE, M. I. R. S.; TEMPORINI, E. R.; KARA-JOSÉ, N.; MONTILHA, R. C. I. Deficiência visual de escolares: percepção de mães. *Temas Desenvolv.*, v. 10, n. 55, p. 24-27, 2001.